



2022 E O QUE MUDOU ...

TEMA DE CAPA

2022 E O QUE MUDOU...

2022 tinha tudo para ser um ano fantástico a todos os níveis na economia Nacional e Europeia. O crescimento económico, o aumento do consumo, fruto de 2 anos de isolamento devidos ao COVID a baixa taxa de desemprego e o forte investimento na capitalização da economia e do setor energético, faziam antever um ano de muito trabalho.

Na verdade, para avaliar o ano de 2022, temos de ir um pouco atrás, ao ano de 2021 onde em Portugal e na Europa se sentiu a maior inflação de sempre nas matérias primas desde o final dos anos 80.

Esta escalada nos preços, teve a sua origem na crise energética Mundial, no aumento significativo do preço do gás, do preço do petróleo e da energia em geral.



A saída da primeira vaga de COVID fez disparar a procura e o consumo que por sua vez inflacionou os preços da energia.



A saída da primeira vaga de COVID fez disparar a procura e o consumo que por sua vez inflacionou os preços da energia. Sendo a Europa um dos continentes mais dependentes da energia externa, toda a região ficou altamente influenciada pelo aumento do custo.

Na realidade a Europa ficou refém das suas próprias políticas energéticas. Com a aposta nas renováveis e o aumento das taxas sobre as emissões de CO₂, verificou-se que fruto da incapacidade instalada em sistemas de energia renovável e às vagas de calor que se fizeram sentir, aliadas a um aumento exponencial da procura, fruto do crescimento económico pós COVID, o preço da energia explodiu tendo um impacto muito severo nos custos dos materiais e consequentemente nos custos dos contratos em curso.

Veja-se que em 2021 o custo estimado da energia era de 50€/MWh e em julho desse mesmo ano já se pagava na Europa acima dos 90€/MWh.

Para além do efeito nefasto nos contratos em curso, fruto do aumento de preço das matérias primas, esta variação do custo da energia pode a médio prazo limitar a competitividade das empresas transformadoras sediadas no nosso País que não contavam até ao momento de mecanismos de proteção como os que existem em outros estados membros, que podem contar com por exemplo compensações de custos indiretos das emissões de CO₂, ou seja as empresas que mais energia consomem pagam no custo energético uma taxa de CO₂, mas que podem depois receber para investir na descarbonização da sua própria industria.

...

E foi desta forma que 2021, foi um ano onde por exemplo os portugueses virão o preço médio do gasoleo passar de 1,31€/litro para 1,516€/litro, representando um aumento superior a 15%.



O aço em varão passou de um preço de 587€/tn em dezembro de 2020 para 839€/tn em julho de 2021, representando um incremento de 43%.

No nosso setor, a situação foi nefasta para muitas empresas, habituadas a um regime liberal de contratação, fruto da experiência e baseada na confiança de inflações historicamente baixas e grande capacidade negocial, estes aumentos provocaram o caos.

De um momento para o outro, projetos começaram a parar, a renitência dos donos de obra em levar os contratos sem revisão até ao fim, fruto da sua soberania contratual alavancou o contencioso.

De um lado tínhamos os donos de obra, que pretendiam levar até ao fim um contrato sem revisão de preços, apesar de também eles estarem a sentir grande pressão, por outro os empreiteiros, que viam semanalmente os custos dos materiais a aumentar, atrasos nos fornecimentos por escassez de matéria-prima, quando já viviam numa realidade de falta de mão de obra qualificada no setor para fazer face às suas necessidades, tudo isto num clima económico crescente e carteiras de obras de volume elevados.

Vimos por isso muitas obras a parar, várias mudanças de empresas em contratos já iniciados, não porque tecnicamente os empreiteiros não eram capacitados, mas sim porque por e simplesmente não conseguiam fazer face às constantes subidas de preços que se faziam sentir e á incapacidade de alterar os contratos de preço não revisível com os seus clientes.

Foram períodos conturbados, quando as empresas saíam de uma situação de pandemia sem nunca

terem tido a oportunidade de parar, porque também aí os contratos não deixavam e os prazos tinham de ser cumpridos.

Mas nem tudo foi mau, 2020 terminou com os maiores lucros de sempre, em empresas do ramo da energia, a GALP em Setembro de 2021 já tinha praticamente duplicado os lucros face a 2020 com valores superiores a 600 milhões de Euros, o grupo SHELL multiplicou por 5 os seus lucros, superando a fasquia dos 18 mil milhões de dólares. Apesar do aumento exponencial do custo do aço em varão se dever, segundo as justificações dos especialistas, ao aumento do custo da energia, a Arcelor Mittal registou em 2021 o seu maior lucro de sempre, superando os 13 mil milhões de Euros... Coincidências? não!

Quando nos habituávamos a lidar com estas variações dos preços das matérias-primas e da produção em geral, fruto das constantes alterações de preço e com a confiança dos investidores em alta, e o maior investimento de sempre da comunidade Europeia para os países membros com o intuito de estimular as suas economias, eis que a Rússia invade a Ucrânia...



Somos filhos da Revolução dos Cravos, conquistamos a nossa independência, educamos os nossos filhos, deram-nos a liberdade de expressão e de um momento para o outro, aqui ao nosso lado um povo é aniquilado com a Europa a assistir.



Esta invasão criou em muitos europeus e a mim em particular, a sensação de que não podemos dar tudo por adquirido. Somos filhos da Revolução dos Cravos, conquistamos a nossa independência, educamos os nossos filhos, deram-nos a liberdade de expressão e de um momento para o outro, aqui ao nosso lado um povo é aniquilado com a Europa a assistir.

Mais uma preocupação para as economias da zona Euro que já vinham a sofrer com tudo o que se havia passado em 2021 e viam agora logo no início do ano de 2022 um aumento nunca visto do preço do gás.

Outra vez a energia, sempre a energia! Ou será que não?

Mais uma lição para a Europa e os países do centro Europeu que durante anos foram fechando as suas centrais nucleares, apostando toda a sua capacidade produtiva no gás "barato" que vinha do Leste, sem

I ...

uma aposta clara nas renováveis, nem incentivos à descarbonização das suas indústrias.



Como diz o nosso velho ditado, “o barato sai caro” e assim foi para a maioria dos Europeus e das suas empresas.



Esta guerra fez disparar a inflação, o último semestre de 2022 foi brutal em termos de subidas de preços, com o valor da inflação a atingir 9,6% com claro impacto no poder de compra de todos os Portugueses.

No nosso setor as respostas foram rápidas, embora tímidas pois remeteram-se apenas aos contratos públicos. Ai era possível efetivamente corrigir através de uma revisão excepcional de preços o valor das propostas, contudo o setor privado ficou de fora, e o estado não foi capaz de obrigar e autorizar esta revisão nesses contratos, deixando mais uma vez a grande maioria das pequenas e médias empresas em Portugal a lutar pela sua sobrevivência, obrigadas a terminar contratos, cujos custos eram superiores à sua venda.

Esta inflação teve ainda a capacidade de fazer disparar os juros sobre os créditos, colocando ainda mais pressão nos Europeus, arrefecendo (por incapacidade de pagar as compras) os seus ímpetus consumistas. Esta medida, embora necessária para controlar a inflação, vai provocar uma desaceleração óbvia das economias Europeias.

Não terminou a guerra, mas hoje foram implementadas em Portugal e na Europa, mecanismos de proteção do custo da energia que pelo menos têm a capacidade de estabilizar o setor, permitindo às empresas antecipar os seus custos e estabilizar os seus preços de custo.

2023 E AGORA?

Já não temos Covid, a inflação está a abrandar e existe uma luz ao fundo do túnel para terminar a guerra! À partida estavam reunidas as condições para que 2023 fosse um ano maravilhoso.

SERÁ QUE VAI SER?

Neste momento em Portugal resta-nos o PRR e o setor da energia que continua com grandes investimentos. Com a perda de compra dos portugueses, estima-se que a construção de habitação nova vá diminuir, fruto da perda do poder de compra e da manutenção em alta das taxas de juro para o crédito a habitação. Alavancada pelo Turismo, é provável que as zonas premium se mantenham com crescimento apesar de menor que o registado nos anos anteriores.

No setor Industrial, as políticas têm de mudar rapidamente, fomentando a competitividade dos que cá produzem, que lhes permita a exportação de forma segura, investindo na descarbonização da sua produção, ou rapidamente seremos trocados pelas economias emergentes do Leste e do centro da Europa.

Resta-nos saber que hoje estamos mais resilientes que em 2020, vivemos uma pandemia, observámos os poderosos a ficar ainda mais poderosos, fruto de uma economia perversa, que confunde ganância com aumento de custos e leva a que empresas ditas muito impactadas pela inflação, obtenham hoje muito maiores lucros que ontem, ultrapassámos uma guerra, fomos solidários.

Hoje estamos também mais preparados para o futuro, e é desta forma que temos de encarar o passado, como uma aprendizagem, que nos traz a esperança de um amanhã melhor.

Nuno Fernandes | Diretor de Operações

I AOC ALÉM FRONTEIRAS

Os anos de 2020 e 2021 foram anos desafiantes globalmente e numa extensão horizontal a todos os setores. A construção não foi exceção e particularmente, despertou um uma necessidade de mudança urgente. Com a pandemia, os trabalhadores da construção viram quase todos os setores parar ou abrandar, mas não o seu. Um setor historicamente muito resistente à mudança, viu-se obrigado a adaptar rapidamente formas de atuar, segregar grupos de trabalho, reduzir e organizar equipas por força de baixas por contaminação, na realidade, fazer o mínimo possível em obra como forma de travar a proliferação interpessoal do vírus. O mundo abrandou drasticamente, e na sequência desta estagnação o setor sofreu uma instabilidade no fornecimento de materiais e equipamentos como não me recordo de sentir ou ouvir até aquele momento (apenas posteriormente com o desenvolvimento da guerra na Ucrânia). Uma instabilidade que afetou não só o custo dos Projetos como a garantia do seu cumprimento face à indisponibilidade de fornecimentos. A AOC sentiu necessidade de se reinventar.

Há algum tempo que vinhamos a investir na digitalização dos nossos processos por forma a reduzir o erro, simplificar a execução e tornar o setor mais apelativo. A pré-construção também vinha a ganhar terreno nos nossos projetos, otimizando a duração de algumas tarefas e incrementando a qualidade da construção. Sabíamos que estávamos num caminho, mas longe de terminar. Ouvimos com frequência alguns chavões alegadamente motrizes da mudança, como o BIM e a construção modular, mas sentimos a necessidade de procurar algo mais.

Assim, decidimos ver o que estava a ser feito além-fronteiras, como estavam a conceber, como e com o que estavam a construir. Identificámos diversos eventos do setor espalhadas pelo mundo e selecionámos algumas para tentar aprender algo.

DIGITAL CONSTRUCTION WEEK

Londres, Reino Unido
18 a 19 de maio de 2022

Um evento dedicado à inovação e tecnologia na construção, num país já algo maduro na aplicação da tecnologia ao ambiente de construção. Localizada no Excel London, num formato de feira com conferências muito interessantes ministradas por oradores experientes e de instituições reconhecidas globalmente ou de startups inovadoras e com muita vontade de se enraizar no mercado. Selecionámos este evento com o intuito de conhecer novas ferramentas, instituições e abordagens que nos apoiassem no processo de digitalização e maturação dos nossos processos, objetivo cumprido. Trocámos experiências com diversos indivíduos já com alguma bagagem na aplicação de tecnologia ao mundo da

construção e outros com muita vontade de inovar e de acrescentar valor a este setor. Maioritariamente identificámos ferramentas de controlo e monitorização, não só aproveitando a filosofia BIM mas assumindo-a como obvia. Experimentámos a realidade aumentada, controlo do planeamento integrado e visual, colaboração digital, vimos inclusive a utilização da robótica integrada com a tecnologia de laser scanning. De facto, saímos destes três dias de troca de sinergias com o sentimento de certeza de que a integração de tecnologia no setor é o caminho, que apesar de o estarmos a traçar à alguns anos ainda há muito que percorrer. Como notas menos aliciantes diria que percebemos que o ambiente que encontrámos é direcionado para um mercado já tecnologicamente maturado e com elevada aceitabilidade nesta matéria e, a grande maioria das ferramentas está focada no apoio aos quadros de gestão, com pouco foco nas equipas de campo e nos processos construtivos.



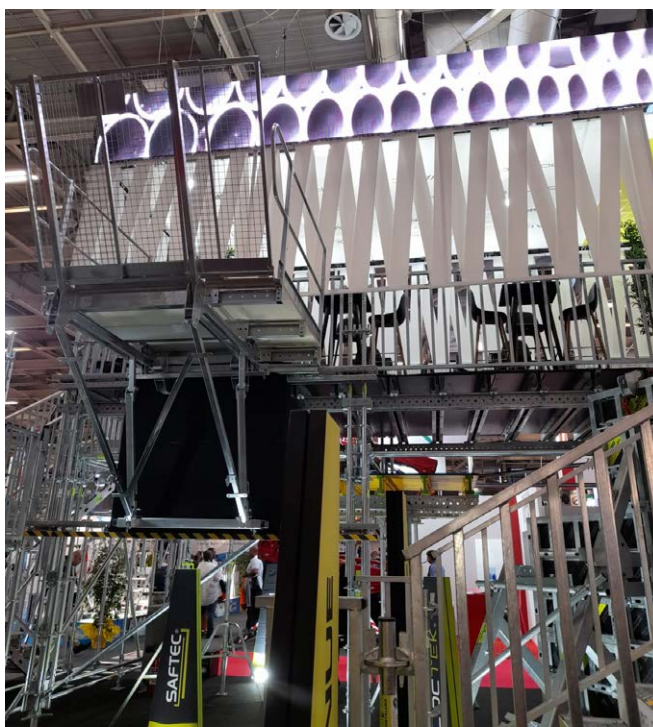
BATIMAT

Paris, França
03 a 06 de outubro de 2022

A Batimat é um evento já amplamente conhecido pela AOC por força do período em que desenvolvemos Projetos em França. Sabíamos para o que íamos, tínhamos a noção do que íamos encontrar mas, numa fase de mudança do setor, considerámos importante acompanhar a realidade do centro da Europa e seleccionámos este evento para estarmos presentes. Também por força da redução de interesse no setor, sentimos a há que melhorar muito as condições de trabalho *in loco* e transformar as obras e os estaleiros em locais apelativos de trabalho, e da nossa experiência, a França é um país onde este tema não é tabu e vemos com frequência ser exemplo em processos construtivos e equipamentos que favorecem a qualidade do trabalhador.

Efetivamente encontrámos uma feira de uma dimensão brutal, alias, para interagir e trocar experiências com as empresas presentes não foi possível visitar toda a feira, nem lá perto. Apesar de ser uma feira abrangente, tinha como chavão para 2022 a inovação, mas manteve o histórico de feira multidisciplinar. Destacamos no entanto a presença de muitas soluções, tecnologias e equipamentos focados no betão armado, escolha de excelência no país, concebidas para a segurança do trabalhador e qualidade no desenvolver do seu trabalho.

Em suma, um evento que não surpreendeu, mas que cumpriu as expectativas, acrescentou conhecimento e permitiu aumentar a nossa bagagem de soluções construtivas.



THE BIG 5

Dubai, Emirados Árabes Unidos
05 a 08 de dezembro de 2022

O Big 5 intitula-se como o maior evento da indústria da construção no médio oriente e África, mas com objetivo de uma sinergia e *networking* global. Assumimos este evento como muito relevante. Conforme referido anteriormente pretendíamos ver algo diferente do que estamos habituados e perceber a aplicabilidade ao mercado de que fazemos parte, pelo que um evento num outro continente, numa cidade de destaque na engenharia e construção era de todo apelativo.

Pessoalmente considerei o evento excepcional, muito abrangente, muito bem organizado, e com muita informação. Conhecemos algumas soluções novas, no entanto não satisfez a expectativa que tínhamos de novidade e inovação. Num momento de digitalização do setor, consideramos a oferta nesta área reduzida. Conhecemos muitas soluções específicas para a construção em betão, muitas soluções de selagem e impermeabilização com base em tecnologias fora dos laminados de que estamos habituados e, não estivéssemos nós num país de ostentação, muitas soluções excecionais de arquitetura de uma nobreza que se destacava mesmo para o mais desinteressado nesta matéria.

No âmbito das conferências sentimos, pelo menos naquelas que frequentámos, que giravam muito em redor de contratos FIDIC e por isso na aplicabilidade dos vários temas neste tipo de Projetos. Faz sentido pois é uma organização global, amplamente aceite, e tendencialmente utilizados no médio oriente*.

Apesar de não estarem enquadradas no evento, vale a pena destacar os projetos que fomos vendo aquando da circulação na cidade. Efetivamente é o local de encher o olho a quem está de alguma forma envolvido na engenharia e construção. Projetos de uma dimensão enorme, que nos agarram a atenção, especialmente aqueles em desenvolvimento, onde podemos notar as soluções e processos construtivos e nos dão vontade de fazer parte, de fazer acontecer.

*Edward Sunna and Omar Al Saadoon (2007). FIDIC in the Middle-East. Al Tamimi & Company. Federação Internacional de Engenheiros Consultores.

...

Em tom de conclusão e de balanço, os três eventos selecionados acrescentaram valor. Não satisfizeram integralmente a busca por inovação que procuramos, mas permitiram acompanhar o desenvolvimento do setor. Conhecemos várias soluções novas, diferentes, quer em matéria de digitalização como de processos construtivos, materiais e equipamentos. Conhecemos pessoas, trocámos ideias, com certeza teremos contribuído para o seu crescimento ao partilhar as nossas experiências e necessidades e elas para o nosso. É importante manter estas ações de exploração e atualização, este *networking*, para nos mantermos na fila da frente e estar envolvidos noutras realidades que um dia poderão ser as nossas.

Obrigada à AOC pela disponibilidade!



Samuel Carreira | Coordenador Técnico

